

INCLUSÃO SOCIAL E CULTURAL NO ENSINO DE PLE NO BRASIL

CULTURAL AND SOCIAL INCLUSION IN PORTUGUESE AS FOREIGN LANGUAGE (PFL) TEACHING IN BRAZIL

INCLUSIÓN SOCIAL Y CULTURAL EN LA ENSEÑANZA DEL PORTUGUÉS COMO LENGUA EXTRANJERA (PLE) EN BRASIL

Adriana Rampi¹

Resumo

Este artigo reflete sobre a língua portuguesa e a cultura brasileira na construção da identidade cultural dos cidadãos. O objetivo da pesquisa é entender como a diversidade cultural e linguística do Brasil afeta a percepção sobre outras nações e culturas do mundo. O trabalho decorre do processo de constituição do cidadão, que acontece de formas diversas, através da singularidade dos seus atores e dos elementos de herança cultural. A investigação analisa, também, o preconceito presente nas relações do brasileiro com a sua própria cultura e a cultura de países subdesenvolvidos. Este preconceito impede o enriquecimento cultural e prejudica os estudantes de Português como Língua Estrangeira (PLE) e da cultura brasileira — oriundos de países alvos de discriminação. Com base nesses pressupostos, o estudo propõe uma interação entre alunos e professores de PLE com a comunidade em que eles estão inseridos. Almeja-se que a experiência oportunize a redescoberta da cidadania por parte dos brasileiros, ao desconstruir mitos, preconceitos e estereótipos, além de promover o enriquecimento cultural e uma inclusão social, a todos envolvidos.

Palavras-chave: Inclusão. Interação. Preconceito. Língua portuguesa. Cultura.

Abstract

This article reflects on the Portuguese language and Brazilian culture in the construction of citizens' cultural identity. The objective of the research is to understand how the cultural and linguistic diversity of Brazil affects the perception about other nations and cultures in the world. The work stems from the process of constituting the citizen that takes place in different ways, through the uniqueness of its actors and the elements of cultural heritage. The investigation also analyses the prejudice present in the Brazilian's relations with their own culture and the culture of underdeveloped countries. This prejudice prevents cultural enrichment and harms students of Portuguese as a Foreign Language (PFL) and the Brazilian culture, coming from countries that are targets of discrimination. Based on these presuppositions, the study proposes an interaction between students and teachers of PFL with the community in which they are inserted. It is hoped that the experience will make it possible for Brazilians to rediscover citizenship, by deconstructing myths, prejudices and stereotypes, in addition to promoting cultural enrichment, besides social inclusion, for all involved.

Keywords: Inclusion. Interaction. Prejudice. Portuguese Language. Culture.

Resumen

Este artículo reflexiona sobre la lengua portuguesa y la cultura brasileña en la construcción de la identidad cultural de los ciudadanos. El objetivo de la investigación es entender cómo la diversidad cultural y lingüística de Brasil afecta la percepción sobre otras naciones y culturas del mundo. El estudio surge del proceso de constitución del ciudadano, que se produce de formas diversas, a través de la singularidad de sus actores y de los elementos de la herencia cultural. La investigación analiza, de igual forma, el prejuicio presente en las relaciones de los brasileños con su propia cultura y con la de países subdesarrollados. Ese prejuicio impide el enriquecimiento cultural y perjudica a los estudiantes de portugués como Lengua Extranjera (PLE) y de la cultura brasileña — provenientes de países que son blanco de discriminación. Sobre la base de esos supuestos, el estudio propone una interacción entre alumnos y profesores de PLE con la comunidad donde están ubicados. Se pretende que la experiencia permita

¹ Especialista em Neuroaprendizagem, professora de Inglês com Certificação CELTA (Certificate in English Language Teaching to Adults) - Cambridge.

redescubrir la ciudadanía por parte de los brasileños, al deconstruir mitos, prejuicios y estereotipos, además de promover el enriquecimiento cultural y la inclusión social a todos los involucrados.

Palabras-clave: Inclusión. Interacción. Prejuicio. Lengua portuguesa. Cultura.

1 O Brasil

O Brasil é um país de dimensões continentais e falante da língua portuguesa — uma herança dos colonizadores portugueses — tendo o maior número de falantes do mundo. O país tem uma cultura rica e diversificada e com direitos constitucionais, que compreendem o respeito à diversidade como algo fundamental para nossa riqueza cultural; contudo, essa diversidade nem sempre é aplicada na prática.

Muitos brasileiros preconizam o português de Portugal e a norma culta (padrão), e marginalizam, sem refletir esse discurso excludente, a diversidade cultural tão vasta de nosso país. Nesse cenário, recebemos estrangeiros, sejam eles imigrantes, turistas, expatriados ou refugiados, que por vezes vêm para aprender nossa língua e cultura.

O professor de português para estrangeiros necessita refletir sobre a sua prática para promover a inclusão social e cultural dessas pessoas, além de trabalhar as suas percepções preconcebidas e futuros confrontos que poderão passar no país.

2 A constituição do cidadão

Ensinar uma segunda língua significa, a priori, ensinar uma cultura e uma língua novas, para que estas coexistam com um sistema cognitivo de percepção e concepção estruturados desde o nascimento; contudo, é importante também considerarmos e avaliarmos a nossa própria percepção e concepção da língua e cultura ensinada, enquanto nativos dela. Na descrição de Clóvis de Barro Filho e Adriano da Rocha Lima (2017, p. 27):

[...] podemos dizer que cada um de nós, desde o nascimento, é mergulhado numa polifonia, isto é, em uma verdadeira teia de enunciados, discursos, com seus portavozes e seus receptores. E cada um de nós, inicialmente observadores desse espetáculo semiótico, passamos a dele fazer parte atribuindo sentidos, de forma rudimentar, e enunciando, servindo-nos, aqui e acolá, de signos que circunstancialmente nos chegam.

Quando conseguimos usar nossa percepção e concepção de forma mais analítica e autocrítica, podemos nos colocar no lugar do aluno de português e compreender que ele, também, é um ser complexo — imerso dentro da cultura e língua que o constituiu e o constitui enquanto pessoa.

Ao entendermos a amplitude da matéria-prima em cada aluno e aluna, e em nós mesmos, é diferente em forma, mas não em essência, podemos compreender que podemos trabalhar com pontos comuns. Logo, a relação língua/cultura e um aprendizado novo acarretará mudanças na formação de uma pessoa. Clóvis de Barro Filho e Adriano da Rocha Lima expõem:

Não somos, portanto, nem geniais criadores que do zero constroem as suas falas, tampouco meros reprodutores, audiocopiadores do que ouvimos. Há, portanto, em todo ato de enunciação, uma dimensão criativa, mas que tem por base, por suporte simbólico, tudo o que circula no mundo das interações. (BARROS; LIMA, 2017, p. 28).

Barros Filho e Lima postulam que, mesmo na nossa própria língua, estamos constantemente criando comunicação com elementos já existentes. Para novos alunos de uma língua, no entanto, ocorre uma transformação de seus pilares constitutivos dentro de outro sistema linguístico, que será concebido através de uma lente cultural.

Cabe ao professor, assim, estar ciente dessas diferenças que nos separam e nos distinguem, para poder, juntamente com os alunos, criar e fortalecer pontos entre as diferenças culturais e linguísticas. Tendo em vista que em uma cultura não há uma pessoa igual à outra, devemos respeitar a singularidade de cada um e dentro dela construir o saber de modo a enriquecer o indivíduo.

3 A percepção que o brasileiro tem de si, reflete no outro

A percepção cultural e linguística que o brasileiro tem de si estará presente em toda interação realizada com estrangeiros, sejam eles aprendizes ou não de nossa língua e cultura. Essa percepção é moldada dentro de nossa ideia própria, enquanto nação, e se molda, também, a cada interação com esses estrangeiros. Entender e refletir sobre essas questões pode ajudar o professor de PLE a melhorar sua abordagem de ensino.

Há barreiras culturais e linguísticas que deverão ser transpostas pelos alunos de português como língua estrangeira que influenciarão na sua aprendizagem, “a aproximação e interação não eliminam, por si só, a distância social que separa os interlocutores” (BARROS; LIMA, 2017, p. 55). Para que a aproximação e interação consigam promover inclusão, deveremos entender a relação que nossos alunos terão com os brasileiros. É preciso analisar, em um primeiro momento, como o brasileiro vê a si próprio em termos comparativos; pois, ao lidar com um estrangeiro, ele não se julga mais como indivíduo, ele se julgará diante de todos os estereótipos e concepções prévias que tem de outros países. Há também os estereótipos que

o brasileiro tem de si dentro da sua percepção e da que ele acredita ser a percepção que o mundo tem do Brasil.

3.1 Nebulosa identidade-percepção cultural

Mesmo sendo o quinto maior país em território do mundo, e o maior da América Latina, o brasileiro não reconhece seu país como uma potência mundial, seja econômica, política ou culturalmente. Ainda nos vemos como uma filial mal sucedida dos nossos colonizadores. O autor Eduardo Galeano (2018, p. 18), em seu livro *As Veias Abertas da América Latina*, ao falar da nossa história como continente colonizado, cita que “pelo caminho perdemos até o direito de nos chamarmos *americanos* [...] para o mundo, América é tão só os Estados Unidos, e nós quando muito habitamos uma sub-América, uma América de segunda classe, de nebulosa identidade”.

A percepção que o brasileiro tem de sua cultura, geralmente, se molda à percepção que o indivíduo tem da cultura de seu interlocutor. Logo, nossa posição de superioridade surge diante de pessoas vindas de outros países da América Latina ou mesmo do continente africano, principalmente os refugiados, pois eles fazem parte de outras culturas de identidade nebulosa. Ao mesmo passo que temos uma percepção de inferioridade diante de turistas ou imigrantes de países desenvolvidos, europeus e norte-americanos, por exemplo.

O estrangeiro de primeiro mundo que estude o português brasileiro encontrará um Brasil encantado com sua iniciativa, e não importa o nível de proficiência que tiver, com frequência seu português será recebido com um “fala português melhor do que eu”. O brasileiro, acolhedor, se mostra sempre presente ao estrangeiro de países que na nossa concepção são dominantes no cenário político e econômico mundial. Há uma certa incompreensão no interesse que esses estrangeiros possam ter com um país tão “insignificante” quanto o nosso.

Estrangeiros de países em desenvolvimento, em especial refugiados, já não tem a mesma receptividade e admiração. Embora o brasileiro goste de ser percebido como um povo receptivo, nosso acolhimento tende a ser bem seletivo. Somos um povo racista e que não abraça igualmente europeus, americanos e latinos ou africanos, seja por discurso ou seja por meio de ações cotidianas. No livro *Todos Contra Todos*, Leandro Karnal descreve um pouco do perfil do brasileiro fora do estereótipo.

o quadro pintado é idílico. Somos uma terra sem terremotos e furacões. Sem guerras civis nem fundamentalismos extremos que levam a genocídios. Somos pacíficos. Não violentos. Não somos agressivos. Não odiamos. Não somos preconceituosos. Não

somos racistas. Esse quadro não resiste ao teste de história. É uma de nossas ilusões, criada e sustentada ao longo dos séculos. (KARNAL, 2017, p. 17)

O professor de português precisa compreender e refletir essa postura adotada diante do estrangeiro. É necessário preparar o aluno, e na medida do que for possível, preparar as comunidades que irão recebê-los, para que não haja discriminação ou mesmo diferenciação no tratamento. É fulcral ter consciência da vulnerabilidade de refugiados e estrangeiros de países em desenvolvimento, pois tratamentos discriminatórios sempre serão uma barreira ao aprendizado e adaptação.

3.2 Servilismo linguístico — português ou brasileiro?

A língua oficial do Brasil é o português, herdado de nossos colonizadores portugueses. Assim como o inglês americano, herdado dos colonizadores ingleses, nossa língua foi tomando identidade própria. Segundo Hildo H. Do Couto (1986, p. 20), “esse português foi trazido para o Brasil. Aqui sofreu não só a influência do meio físico, mas também a dos povos indígenas, africanos e de outros que, como imigrantes, vieram fazer parte de nossa sociedade posteriormente”.

Nossa variante do português se distingue do europeu em vocabulário e estrutura, que não são melhores ou piores, apenas diferentes por questões de adaptação espacial, temporal e social. O mesmo ocorreu com o inglês americano, contudo, nossa percepção da língua herdada está muito aquém da que os americanos possuem do seu inglês. Somos um povo que afirma não saber falar a própria língua, menosprezando toda interação comunicativa que ocorre no nosso cotidiano. Segundo Marcos Bagno (1999, p. 30) “Se algum de nós disser a um norte-americano que ele “não sabe inglês” ou que o inglês falado nos Estados Unidos é “errado” ou “feio”, ele decerto vai ficar chocado com nossa ignorância.”

Ainda conforme o mesmo autor, “uma quantidade gigantesca de brasileiro permanece à margem do domínio da norma culta” (BAGNO, 1999, p. 16) assim, nos tornamos uma nação de pessoas *sem-língua* “da mesma forma como existem milhões de brasileiros sem terra, sem escola, sem teto, sem trabalho, sem saúde, também existem milhões de brasileiros sem língua” (BAGNO, 1999, p. 16).

O brasileiro tem servilismo linguístico ao português de Portugal, e todo aluno que iniciar o aprendizado do português brasileiro vai se deparar com essa postura. Conforme Bagno (2001, p. 9), há “uma ideologia linguística que prega a incompetência da grande maioria dos brasileiros em falar “a língua de Camões” [...] uma ideologia que [...] esmaga a autoestima dos cidadãos.”

Ao professor, cabe refletir como este entendimento, de que não sabemos falar nossa própria língua, pode interferir no aprendizado dos alunos que convivem com brasileiros. Como podemos criar uma interação linguística para os alunos, quando os nativos não se percebem como falantes aptos de sua língua materna? Precisamos antes nos apoderar de nossa língua. Conforme Bagno (2001, p. 10):

Estudar o brasileiro é dar voz à língua falada e escrita aqui, neste país chamado Brasil, 92 vezes maior que Portugal, habitado por uma população quase 17 vezes mais numerosa. É perceber que todas as línguas mudam, que toda língua é um grande corpo em movimento, em formação e transformação, nunca definitivamente pronto.

Além dessa percepção entre as variantes latina e europeia do português, precisamos ter uma postura não discriminatória e/ou preconceituosa dos inúmeros portugueses do Brasil. Segundo Bagno (1999, p. 47):

Não existe nenhuma variedade nacional, regional ou local que seja intrinsecamente “melhor”, “mais bonita”, “mais correta” que outra. Toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de seres que a empregam. [...] Toda variação linguística é também o resultado de um processo histórico próprio, com as vicissitudes e peripécias particulares.

É importante expor o aluno de PLE às variações linguísticas regionais do português do Brasil, não apenas para dar uma ampla noção dessas variações, mas também para deixá-lo mais à vontade para explorar as inúmeras estruturas e vocábulos, primando pela fluência e não apenas a acuidade. Ser compreendido e compreender é primordial para que haja comunicação, e o aluno deve ser sempre estimulado a explorar essas interações, de modo a transpor a barreira do preconceito linguístico tão enraizado no nosso país.

4 Da reflexão à inclusão social e cultural

Segundo Paulo Freire (2011, p. 75), “ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra”, sendo assim, devemos refletir sobre nosso papel como professores, para promovermos uma transformação positiva.

O professor de uma segunda língua acaba representando uma ponte diplomática entre línguas e culturas diferentes, além de pessoas de constituições cognitivas e sociais distintas. A cada novo conteúdo apresentado, o aluno se depara com um confronto de conhecimentos; logo, devemos intermediar esse confronto para que o aluno possa criar uma nova percepção de

mundo, composta pela sua identidade cultural e a nova adquirida. Segundo Paulo Freire (2011, p. 30):

O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo. Mas, histórico como nós, o nosso conhecimento de mundo tem historicidade. Ao ser produzido, o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se “dispõe” a ser ultrapassado por outro amanhã.

A prática do ensino deve ser construída para o aluno e com o aluno, nos “dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente” (Freire, 2011, p. 30). Assim, sabendo-se o que será ensinado e tendo refletido sobre nossa língua e cultura podemos, podemos engendrar uma transformação social para promover inclusão com os alunos.

Nesse contexto apresentado, nosso trabalho docente não se limita à sala de aula; ela se estende às ruas, aos nossos compatriotas, concidadãos. Precisamos conscientizar o aluno de PLE sobre o que lhes espera no convívio com os brasileiros, para que eles possam, de forma mais proveitosa possível, enriquecer o seu conhecimento e o conhecimento do próprio cidadão brasileiro, através de uma reflexão epistemológica da identidade cultural local.

4.1 Interação para inclusão

O professor pode e deve promover interação dos alunos com a comunidade. Segundo Barros e Lima (2017, p. 30), “à medida que a interação acontece, o comportamento do outro vai nos abastecendo de informações que serão utilizadas como referência na antecipação de novos comportamentos”. Desta forma, podemos guiar os alunos em situações práticas de convívio, bem como promover uma quebra de preconceitos dos brasileiros com os estrangeiros (seja por sentimento de inferioridade ou de superioridade). O conhecimento do outro é uma ferramenta importante, pois ele tem o poder que desconstruir conceitos e estereótipos previamente formados, sem qualquer embasamento real. Ainda segundo Barros e Lima (2017, p. 31), “esse tipo de esclarecimento é indispensável, pois, na falta dele, reinará uma insegurança perturbadora daquela relação”.

Toda promoção de interação cultural e linguística auxiliará não só o aluno através de um conhecimento significativo como também pode promover mudanças positivas, quebrando barreiras de discursos xenófobos e discriminatórios na sociedade em que o aluno está inserido. De acordo com Barros e Lima (2017, p. 40),

[...] há uma tendência a que porta-vozes dominantes, em seus espaços sociais, façam triunfar suas representações de mundo em detrimento de outras mais frágeis, defendidas por porta-vozes com menos recursos. Assim, explica-se uma relativa estabilidade de algumas representações sociais, não necessariamente pela sua pertinência ou veracidade, mas pelo poder de que dispõem aqueles que as compartilham em fazê-las triunfar.

Dentro desta proposta de interação para inclusão social e cultural, podemos promover a inclusão do aluno por meio da participação da comunidade, pois não há como discutir inclusão social sem engajar os sujeitos. Ao expor a sociedade a diferentes culturas, através do aluno estrangeiro, promovemos uma mudança do pensamento de representação que estas pessoas têm de si. Tanto o aluno, quanto a comunidade, com intermediação do professor, podem construir novos saberes. De acordo com Paulo Freire (2011, p. 25):

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

A convivência promove a inclusão e o professor não deve privar o aluno da exposição à comunidade. Na proposta de expor os estrangeiros à nossa cultura, deve-se considerar expor os brasileiros ao Brasil. Reflexões sobre nossa língua e cultura devem ser feitas em comunidade, pois é importante incluir o brasileiro na sua cultura para que ele então possa incluir o estrangeiro nela.

4.2 Cultura e língua para inclusão

O reconhecimento da cultura como uma riqueza e o reconhecimento da língua como identidade cultural do nosso povo são desafios em uma sociedade elitista e preconceituosa como a do Brasil. Esse preconceito, que nasce do desconhecimento e afastamento do que nos é diferente, empobrece toda e qualquer interação, não só com a nossa pluralidade e diversidade cultural, mas também nos impede de uma interação proveitosa com estrangeiros.

O professor deve refletir sobre os aspectos mais variados da nossa cultura (música, literatura, cinema, etc.) e língua e explorá-los de forma crítica com os alunos e a sociedade em que estão inseridos. Para que se promova inclusão o professor deve incluir nesse processo de ensino com seus alunos os seus compatriotas, para que a comunidade tenha essa oportunidade de ressignificar sua identidade cultural enquanto brasileiros.

O ensino de PLE pode e deve ser usado como uma ferramenta que auxilie o brasileiro a compreender a riqueza e beleza da sua diversidade cultural e linguística, para que não enxergue

o que lhe é desconhecido como a algo a ser eliminado, evitado ou modificado. É fulcral, também, compreender que o que é proveniente de países desenvolvimento não é ,exclusivamente e inquestionavelmente, melhor do que o que vem de países em desenvolvimento; pois, é na interação com o não é familiar que podemos refletir para romper com os paradigmas que nos impedem de reconhecer nossos valores, para perpetuá-los, e trabalhar as nossas falhas.

5 Considerações Finais

O professor de uma segunda língua tem a função diplomática de construir pontes entre duas línguas, duas culturas e duas nações, em cada aluno que ensina. Seu papel como diplomata vai além de ensinar sobre uma língua e cultura, pois ele pode promover transformações positivas e enriquecedoras entre os agentes envolvidos na interação do processo de ensino.

No caso do Brasil, o professor precisa analisar a percepção que o povo brasileiro tem de sua própria cultura e língua para poder preparar seus alunos, em relação ao que eles enfrentarão no Brasil. Preconceitos linguísticos e culturais que o brasileiro carrega em suas interações com estrangeiros e compatriotas empobrecem oportunidades de enriquecimento para todos.

Mais do que incluir o estrangeiro na comunidade brasileira, o professor de PLE opera como um intermediador entre o aluno e a comunidade. Esse processo de interação de culturas deve promover um processo epistemológico para desconstruir preconceitos e promover inclusão e integração cultural e social entre o aluno de PLE e a comunidade com a qual ele interage.

Referências

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BAGNO, Marcos. **Português ou Brasileiro?** um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

BARROS FILHO, Clóvis de; LIMA, Adriano da Rocha. **Inovação e traição**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

COUTO, Hildo H. do. **O que é Português Brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Porto Alegre: LP&M, 2018.

KARNAL, Leandro. **Todos contra todos: o ódio nosso de cada dia**. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.